

ARTIGOS OPINATIVOS E DE ATUALIZAÇÃO

SEXUALIDADE DE MULHERES E DE HOMENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Cláudia Vaz Torres¹; Tereza Cristina Pereira Fagundes²

SEXUALITY OF WOMEN AND MEN IN DEPRIVATION OF LIBERTY

Resumo: Este artigo analisa a sexualidade de mulheres e homens reclusos no sistema penitenciário, destacando o posicionamento do sujeito em relação ao objeto de amor, compreendendo que a posição subjetiva em relação ao amor e à sexualidade resultam de construções singulares durante o processo de desenvolvimento e socialização. A base teórica do tema proposto centra-se na abordagem culturalista, social e psicanalítica. Metodologicamente se define como um estudo qualitativo. Como resultados destacam-se que, nas penitenciárias, homens e mulheres podem assumir uma nova identidade sexual; novos modos de relacionamento são inaugurados; não há fixidez; a paixão amorosa proporciona um sentimento de reparação frente ao vazio e a divisão psíquica e estão presentes nos discursos de modo idealizado. As mulheres declaram, de modo expressivo, suas paixões e suas relações com as outras reclusas, mas continuam a sonhar com homens que lhes garantam proteção e amor.

Palavras-chave: amor; sexualidade; sistema penitenciário

Abstract: The aim of this study is to analyze the sexuality of men and women prisoners in the penitentiary system, highlighting the position of the subject in relation to the object of love, understanding that the subjective position in relation to love and sexuality constructions result from during development and socialization. The proposed theme is based on a cultural, social and psychoanalytic theories. Methodologically defined as a qualitative research. The results of this research shows that female and male prisoners in penitentiary system can take a new sexual identity, new modes of relationship are opened, there is no fixity; loving passion provides a feeling of emptiness repair against the psychic division and are present in the speeches so idealized. Women declare so expressive, their passions and their relationships with other female prisoners, but continue to dream about men that guarantee protection and love.

Keywords: love; sexuallity; penitentiary system

1. Professora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Universidade Salvador (Unifacs) e Fundação Visconde de Cairu. Psicóloga da Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização – BA. e-mail: vaztorres@gmail.com

2. Pedagoga. Mestra e Doutora em Educação. Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH). e-mail: tcrisptf@uol.com.br

Este artigo tem por objetivo analisar a construção da sexualidade de mulheres e de homens reclusos no sistema penitenciário, destacando o posicionamento do sujeito em relação à sexualidade e ao objeto de amor, compreendendo que a posição subjetiva em relação ao amor e à sexualidade resultam de construções singulares durante o processo de desenvolvimento e socialização.

Diverso do que possa parecer, é possível analisar as vivências da sexualidade de mulheres e homens que cometeram crimes e que agora se encontram em condições de aprisionamento, assim como suas vivências de amor.

A sexualidade e a experiência amorosa são vivenciadas de modo singular em determinadas situações. O amor, idealizado, é um sentimento que lhes permite suportar a condição de privação, de solidão e de ócio. Sobre o amor, Freud (1930) escreveu que nem todas as pessoas o merecem, porém é através dessa invenção, para dar conta do vazio fundante, que mulheres e homens enfrentam a sua passagem pelo cárcere.

As experiências que uma das autoras deste artigo construiu, como psicóloga do sistema prisional, atendendo internos que cometeram infrações dos códigos normativos da sociedade, somadas as pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (TORRES, 2004; 2010) serviram de base para elaboração deste artigo. Do mesmo modo, nas oficinas realizadas na unidade prisional com o objetivo de proporcionar a reconstrução das histórias de vida, oportunizar o diálogo e novas construções de sentido com base em reflexões sobre o encarceramento, destacaram-se os estigmas, o papel da família, os processos de exclusão vivenciados, o cuidado com a saúde e as perspectivas de vida distante do cárcere, os temas relativos às paixões amorosas e o amor perdido ou idealizado por uma mulher ou homem do passado.

Sobre exclusão lembra-se de Foucault (2006, p. 9), que afirma que:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é

certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Nas oficinas realizadas com homens e mulheres reclusos, mesmo que não exista um(a) amado(a) como fonte de inspiração, ao qual são endereçados o desejo, a esperança e a idealização de uma vida a dois, a lembrança de um amor funciona como elemento de suplência que sustenta esse sujeito na sua passagem pelo cárcere.

Depoimentos deles reforçam essa compreensão:

[...] o que mais guardo é a lembrança da minha namorada. Não sei mais dela... Namorei muito antes de ser preso (S., h, 29 anos).

[...] é tanto amor que tenho para dar e não ter a quem dar esse amor... É nisso que penso o tempo todo (T., h, 33 anos).

[...] o que mais penso é no amor que tinha por uma mulher (I., h, 44 anos). Eu sonho em voltar para o meu trabalho e para a minha casa, para conviver com a pessoa que me visita. (R. I., m, 37 anos).

Eu vou sair, vou nascer de novo, tenho que saber que amanhã eu vou pisar o pé lá fora e ser outra pessoa, saber que tem alguém me esperando. (J. T., h, 24 anos).

Depreende-se dessas percepções que o amor é a busca de satisfação na lembrança e no desejo de ter o outro. O amor tem diferentes dimensões, é discursivo e produzido socialmente.

Como analisa Beauvoir (1980a, p. 469), ao falar de amor, “[...] não é de uma lei da natureza que se trata. É a diferença das situações que se reflete na concepção que o homem e a mulher têm do amor”, ou seja, situações únicas e ao mesmo tempo múltiplas, diversificadas, multifacetadas.

Percepções de mulheres e homens que vivenciam a experiência de reclusão e as repercussões do sistema prisional na sua sexualidade e na busca do amor foi o objeto tomado para realização dessa análise.

O estudo é de natureza qualitativa, baseando-se nas concepções de Bogdan, Birklen (1994) e de Denzin, Lincoln (2006). A escolha por esse tipo de abordagem foi decorrente da complexidade da temática abordada, no qual dimensões psicológicas, sociais e éticas constituíam a realidade, a dinâmica e o movimento das relações existentes.

Para essa análise retomam-se os estudos de Freud (1905, 1907, 1916, 1921, 1925, 1933), Lacan (1988ab, 1998), o conceito de sexualidade na perspectiva dos estudos de Foucault (1985, 1988a, 1988b, 1988c, 2006) e as questões de gênero segundo Beauvoir (1980a, 1980b), Badinter (1986) e Butler (2003).

O ambiente prisional encoraja práticas mais convenientes a um ou a outro sexo, organiza as posturas corporais, direciona os impulsos e enaltece os traços que simbolizam os valores que estão de acordo ao que é esperado para mulheres e homens. Mas se o ambiente fornece e imprime significados diferentes para o comportamento de homens e mulheres, que vão sendo assumidos como naturais, há também um investimento contínuo de homens e mulheres para assumir as características e os sinais que são próprios na trajetória da constituição da identidade de cada um. Como explica Saffioti (1992), o sexo é modelado através de construções sociais e históricas e implica num modo de organizar valores e normas e situar-se em e através dessas normas.

Para as mulheres reclusas, esse lugar é um marcante causador das angústias e tensões que existem no ambiente de uma unidade prisional feminina. Os papéis que exerciam na vida em sociedade, como ser trabalhadora, ser companheira de um homem, ser dona de casa e, principalmente, ser mãe, tornam-se impossíveis de serem vividos efetivamente.

Mulheres assumem valores de acordo com as condições sociais e históricas que lhe são dadas, internalizadas, ressignificadas e passam a se posicionar frente ao mundo com base em que elas acreditam ser importantes para ser e se mostrar mulheres. Na prisão, todos esses valores são rompidos: o companheiro livre, quando não a abandona, não a visita; os filhos menores que não podem fazer visitas sem a presença de um adulto da família; e os bebês que nascem na penitenciária e são afastados após o desmame.

As mulheres reclusas falam de seus filhos, da distância, da impossibilidade de cuidar deles, como também da ausência de um companheiro e da falta de sexo. Elas internalizam, em consequência dos valores vigentes na sociedade, que necessitam de um homem para dar segurança e apoio. Acreditam que uma mulher sem homem não é respeitada, como também é discriminada socialmente. Nesse sentido, corroboram as afirmações de Bourdieu (1995), que afirma que a diferença biológica entre homens e mulheres é vista como uma deficiência, uma inferioridade.

Técnicos da unidade destacam os aspectos que são internalizados pelas mulheres como próprios da construção da sua identidade, como não poder viver sem um homem e ter que cuidar dos filhos. Conforme revelam os depoimentos:

As mulheres sabem lidar melhor com a questão da prisão, da reclusão, que os homens. Passado o impacto da prisão, encontram substitutos, encontram um namorado [homem ou mulher], têm uma vida social que se assemelha à vida lá fora, claro que de uma forma adaptada. (Psicóloga).

A mulher fica mais depressiva, é mais fácil de se deprimir. A mulher, por ser mais sensível, se entrega à cama, à tristeza, à ociosidade. O homem não tem muita preocupação com o que deixou lá fora, então vai à luta. (Diretor).

As vivências no sistema prisional possibilitam a constatação que as prisões são instituições

genericadas. A entrada e permanência no cárcere dão-se de modo completamente diferente para homens e mulheres e, portanto, de acordo com as divisões socialmente construídas entre os sexos, o que é esperado para cada um, como se fizessem parte da “natureza” feminina e masculina.

Quanto aos homens, a agressividade, as revoltas, as rebeliões, o descuido com o corpo e com a cela, o contato ríspido e hostil com o outro, a impulsividade, as fugas são características do universo carcerário masculino, a ponto de expressarem, em conversas informais, que estão presos unicamente pela consciência; ou seja, não há um sistema que os submeta, não há nada que cerceie a sua liberdade, apenas ele próprio, de acordo com a sua vontade. Essa divisão é incorporada e funciona como um princípio universal que regula a percepção, o pensamento e as ações dos reclusos.

Diante dessa realidade vivenciada por mulheres e homens, apresentam-se e refletem-se sobre os aspectos que se destacaram nas observações, entrevistas e pesquisas realizadas, como a busca das paixões amorosas para reparar o vazio e a divisão psíquica, a identidade sexual e as vivências da sexualidade em torno do amor.

A sexualidade, o amor e o vazio

Há diversas narrativas sobre a sexualidade, em razão de que o conceito envolve uma análise das dimensões biológica, psicológica, social e histórica das experiências vividas por mulheres e homens.

Foucault (1988a, p. 78) define a sexualidade “[...] como sendo, ‘por natureza’, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar”. A sexualidade foi analisada pelo autor como um dispositivo histórico de poder e saber, em que se articulam diferentes modos de controle.

Então, para analisar a sexualidade, na perspectiva de Foucault (1985, 1988a), é preciso identi-

ficar as técnicas de poder e controle que se fazem presentes no contexto em que se manifestam. Na sociedade contemporânea, são eixos importantes: a formação dos saberes, os sistemas de poder e o modo como pessoas se reconhecem como sujeitos da sua sexualidade.

Nesse conceito de sexualidade estão articuladas diversas estratégias, como “[...] um lugar de processo ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar” (FOUCAULT, 1988b, p. 78). Nesse sentido, a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e a resistência estão envolvidos na análise desse tema.

Do mesmo modo, o conceito psicanalítico de sexualidade reveste-se de uma acepção mais ampla que a genital.

Nasio (1995) explica que as manifestações mais marcantes das pulsões sexuais aparecem durante os primeiros anos da infância. As pulsões são múltiplas e têm origem no início da história do ser humano. Essas pulsões são decompostas em quatro elementos: a fonte (zona erógena), a força que a move, o objetivo que a atrai e o objeto (coisa ou pessoa) sobre o qual a pulsão se serve para alcançar seu objetivo. Esse objeto é sempre um objeto fantasiado (não é real) no qual as pulsões se exprimem. São atos construídos com base em fantasias e acompanhados de prazer. Desse modo, pode-se compreender que a sexualidade não se reduz a sensações genitais, contatos ou vivências sexuais. As pulsões sexuais estão na história da construção da identidade tanto do homem quanto da mulher e marcam o desenvolvimento do corpo.

Para dar conta do entendimento desta dimensão humana que é a sexualidade, é preciso, contudo, analisá-la como um processo relacional intenso que se fundamenta, basicamente, em elementos discretos, mas complementares: o potencial biológico, as relações sociais de gênero e a capacidade psico-emocional dos indivíduos. Neste sentido, é possível admitir, para

uma mais sólida compreensão, que a sexualidade tenha três grandes componentes: o biológico, o psicológico e o sócio-cultural. (FAGUNDES, 2007, p.156).

A sexualidade precisa ser compreendida, pois, como um fenômeno marcado pelas influências sociais, históricas e culturais que designam e autorizam as práticas sexuais aceitas socialmente. Na sexualidade, estão em sintonia a dimensão biológica, a dimensão psicológica, a temporalidade e as especificidades culturais e sociais nas quais homens e mulheres estão inseridos.

A sexualidade é vivida pela pessoa individualmente, porém constituída com base no campo das relações sociais, da cultura, dos valores e das formas sociais de vida.

No século XX as ideias de Freud (1905) sobre a sexualidade humana foram disseminadas, ampliando o debate com base na concepção de que para homens e mulheres a diferença anatômica não existe nas representações inconscientes. Para Freud (1905), as construções de homens e mulheres em sujeitos desejantes não são derivadas apenas do contexto social ou biológico. Percebendo a vida sexual das mulheres adultas como um “[...] continente negro”, Freud preconizava a complementaridade de uma unidade, de essência masculina marcada pelo desejo de dominação, conquista, sadismo e de uma diferença de essência feminina caracterizada por tendências passivas, amorosas, generosas e submissas (FREUD, 1925, p. 242).

Estudos recentes, como o de Lacan (1998a) ao tratar da sexualidade, analisam que a identidade de gênero é construída através da linguagem, a partir de posições subjetivas que homens e mulheres podem ocupar em face de sua sexualidade. Para o autor, a psicanálise analisa a construção da identidade de gênero, enfatizando os sistemas simbólicos e destacando a construção da diferença. Na formação da identidade constam os processos psíquicos inconscientes e a relação com o outro.

A tendência da psicanálise de universalizar o modo como ocorre a construção da identidade e as relações entre masculino e feminino permitiu a

percepção de que, do ponto de vista do inconsciente, não existe masculino nem feminino. Nesse sentido há uma interrogação da noção de identidade sexual.

Lacan (1998a), ao introduzir a lógica do significante do inconsciente, impossibilita que se atribua valor à castração, como Freud defendia. O falo e a castração não são obstáculos à feminilidade, mas condições para ela.

Depreende-se, então, com os estudos psicanalíticos recentes, que a concepção, o papel do núcleo familiar, a construção simbólica dos pais a respeito da criança, as expectativas em relação ao papel/função que o(a) filho(a) desempenha no grupo, as condições socioeconômicas que viabilizam a criação do bebê etc. devem ser incluídos nos estudos da sexualidade e analisados com base em construções simbólicas culturais.

Admite-se, também, que a pesquisa contemporânea das identidades e sexualidades necessita assumir uma visão ampliada desses assuntos, distanciando-se de uma essência universal, inerente, de impulso biológico influenciadas por valores sociais e por questões individuais. Críticas feministas, como Tiefer (1993) e Rago (2001), discutem em profundidade as premissas essencialistas que postulam um caráter fixo e eterno na natureza humana. Elas insistem que a sexualidade não é biologicamente dada, não é uma qualidade humana inerente, não é um instinto, mas, ao contrário é um modo de ser e de se relacionar com base na cultura, na história e na organização social.

As concepções não biologizantes da sexualidade postulam que na constituição do sujeito sexuado estão imbricadas as diferenças e desigualdades de classe, raça/etnia, gênero e geração entre homens e mulheres, assim como a dimensão corporal. É, então, ao longo do desenvolvimento que mulheres e homens, na interação entre os indivíduos e as estruturas sociais, constroem seu corpo sexuado que envolve um aprendizado sobre o corpo, o gênero e a sexualidade.

O amor, conceito complexo que é associa-

do à paixão, ao cuidado, à proteção, ao desejo, à admiração, à sedução, ao sofrimento, à fantasia, entre outros, é vivenciado de modo bem diverso, sempre de acordo com os diferentes modos de subjetivação, configurados com base na fantasia para situar-se frente ao vazio, à insatisfação e ao sentimento de incompletude.

Com a teoria psicanalítica (FREUD, 1912, 1914, 1921; LACAN, 1988a, 1988b), compreende-se que o amor, na vertente *amor como uma paixão*, destacado neste artigo, provoca uma ilusão de completude ao reparar a divisão psíquica do ser humano.

As investigações teórico-clínicas e os sonhos das pacientes levou Freud (1895) a correlacionar amor e sexualidade. Posteriormente, ele teorizou sobre o narcisismo e sobre o amor transferencial. As renúncias impostas pelo contexto sociocultural e os sintomas manifestos por mulheres e homens em suas relações amorosas distanciou Freud dos objetos sexuais e provocou a conceituação das pulsões sexuais (FREUD, 1912).

Ao discorrer sobre o mito de Narciso e Eco, Freud (1914) analisou que os primeiros objetos sexuais da criança derivam da fonte de cuidado e proteção. Posteriormente, são destacados nos estudos de Freud (1921) a idealização e sujeição do amante ao objeto amado.

A fórmula lacaniana do amor que admite que amar é dar o que não se tem (LACAN, 1957) associa-se à análise sobre o amor de Allouch (2010, p. 12-13) “[...] é deixar o outro ser único”. Efetivamente único e mesmo assim amado. Compreende-se que os estudos lacanianos analisam o amor com base na relação do sujeito com o objeto e a falta que caracteriza a estrutura subjetiva. O amor é construído para suprir a falta, entretanto há nesse “dar o que não se tem” uma contradição, pois não se tem nada a oferecer, a não ser a ilusão de completude.

Para Allouch (2010), há uma recusa lacaniana de teorizar o amor, afastando-o de uma racionalidade. O amor, nos estudos lacanianos, é uma

paixão do ser, assim como o ódio e a ignorância.

Sobre identidade sexual e vivências da sexualidade em torno do amor

Pesquisas realizadas por Torres (2004, 2010) apontam que as questões sexuais dos reclusos não são tratadas por diretores das unidades prisionais baianas no sentido de impedir ou promover proibição aos namoros e práticas homossexuais. Preservativos são distribuídos pelo setor de enfermagem nos presídios através do Projeto de Prevenção às DSTs/AIDS da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. Os homens, entretanto, não assumem que querem o preservativo porque têm relações com um parceiro preso, já que eles sempre citam que querem o preservativo para usar com uma visita. No que diz respeito às mulheres, elas declaram, de modo expressivo, suas paixões e suas relações com outras reclusas.

Nas penitenciárias, percebe-se que homens e mulheres podem assumir uma nova identidade sexual. Novos modos de relacionamento são inaugurados. Não há fixidez. Como analisa Butler, (2003, p. 29), “O gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes”.

Estudos sobre a construção das identidades fazem referência às identidades de gênero e identidades sexuais. Em um dos seus primeiros estudos, Butler (1988, p. 523) já afirmava:

Considerando que o corpo é invariavelmente transformado no corpo dele ou dela o corpo só é conhecido através da aparência do seu gênero. Afigura-se fundamental para refletir sobre a forma em que esta diferença dos sexos do corpo ocorre. Minha sugestão é que o corpo torna-se seu gênero através de uma série de atos que são renovados, revistos e consolidados através do tempo.

E assim como as identidades de gênero, as

identidades sexuais não são naturais, são, portanto, construídas com base em diferentes formas que envolvem relações de igualdade e diferenças com outras identidades (WOODWARD, 2000). Pode-se inferir de um depoimento o significado da identidade sexual:

[...] quem quiser aqui faz sexo com outro homem, tem quantos parceiros que quiser. Para quem gosta, é assim. (T., m, 35 anos).

Há no depoimento uma ênfase na prática homossexual como algo comum naquela unidade. A homossexualidade na prisão não é percebida como prática desviante em relação ao que é posto no discurso da heteronormatividade que regula gestos, comportamentos e condutas sexuais próprias do que é esperado. Entretanto, é importante destacar que a sexualidade não diz respeito apenas ao corpo, às fantasias, às palavras aos desejos, mas, principalmente, ao conjunto de comportamentos que os traduzem (FAGUNDES, 2005).

A escolha na sexualidade é uma dimensão social, eminentemente humana; por razões singulares, nem todos os parceiros estão autorizados, apenas alguns. Há uma condição, uma disposição que promove o desejo sexual e a escolha desse parceiro como objeto de amor.

Sobre a escolha do(a) parceiro(a) de quem cumpre pena, há características bem singulares que regem essa escolhas. Em razão da dificuldade de acesso, os relacionamentos iniciam-se por bilhetes, cartas, trocas de presentes (adereço para o cabelo, pilhas para rádio etc.) e recados que são encaminhados por reclusas e reclusos que tem um(a) parceiro(a) que os visita. Quando há um pretendente, os casais iniciam o “namoro”, procuram o serviço social da unidade para solicitar a visita íntima e, após autorização, é marcada a visita desejada, sem que os parceiros se conheçam previamente. Nessas situações há uma troca de favores, proteção, desejos que ocupam a vida e permitem que cada um ao seu modo encontre meios de “tirar a cadeia” pelo tempo que foi estabelecido. Esses amores

possíveis não são analisados, ponderados, problematizados, são assumidos sem que um conheça o outro, seus interesses e prováveis prejuízos físicos, morais e emocionais. Como analisa Barthes (1981, p. 12), “Esse lugar onde meu desejo vem se fixar é um lugar que não tem designação”.

As mulheres reclusas querem ter um homem a qualquer preço, pois ter um companheiro que as visitem, enviem pequenos presentes e cedam alguns privilégios, abre caminhos no seu imaginário para o encontro da “prometida” felicidade. Desse modo, percebe-se que a mulher vive à espera de um homem que a ampare e proteja material e moralmente, pois estar só significa perda e fracasso. Até mesmo as reclusas que têm uma relação amorosa com outra mulher buscam homens que lhe garantam a proteção, a saída da unidade para visitá-lo na unidade masculina, entre outras possibilidades.

Barthes (1981, p. 12) admite que:

Por uma lógica singular, o sujeito apaixonado percebe o outro como um Tudo (a exemplo de Paris outonal), e, ao mesmo tempo, esse Tudo parece comportar um resto que não pode ser dito. E o outro tudo que produz nele uma visão estética. Ele gaba a sua perfeição, se vangloria de tê-lo escolhido perfeito. Imagina que o outro quer ser amado como ele próprio gostaria de sê-lo.

Nas visitas íntimas, há celas que são utilizadas para que os reclusos recebam a companhia em dias específicos. Nos dias regulares de visita, os demais reclusos ocupam a área externa (o pátio) com a construção de ‘tianas’ que permitem o encontro íntimo, sem muita privacidade. A pessoa reclusa que goza de uma posição hierárquica tira proveito de sua situação e estabelece uma relação de dominação com os demais reclusos, chegando inclusive a proibir a entrada de uma visita se ela desagradar às lideranças.

As diferentes subjetividades, ao narrar ao seu modo os amores idealizados e práticas sexuais que foram vivenciadas, atribuem sentidos às experiências e demandam uma escuta e um acolhimento,

principalmente quando relatam agressões sofridas como violências explícitas e simbólicas.

A violência desconstrói as possibilidades de diálogo, emudece o outro em razão do uso da força física e da coação psíquica. Bourdieu (1995) criou o conceito de violência simbólica, que pode ser exercida em diferentes instituições da sociedade e que se expressa na imposição legítima e dissimulada com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. Na perspectiva de Chauí (1995, p. 336) a violência consiste em “[...] exercício da força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si, contrária a seus interesses e desejos, contrária à seu corpo e à sua consciência”. Pode chegar ao extremo de “[...] causar danos profundos e irreparáveis, como a morte a loucura, a autoagressão ou a agressão aos outros”.

O depoimento seguinte explicita uma situação de violência:

Quando o sujeito tem família e companheira que o abandonam, então a coisa é pior. Quem estupra, da parte da malandragem, sofre muito. Quem é homem, faz logo virar mulher. É muita perversidade. (J. T., h, 24 anos).

Violência como essa gira em torno de práticas sexuais não normativas que se somam à violência física. Como Butler (2003) analisou, as relações entre homossexualidade e heterossexualidade são como as relações de poder entre homens e mulheres; demonstram a construção do dispositivo da sexualidade como marcado pela norma heterossexual. A violência normativa refere-se, assim, não à que se torna norma, mas sim àquela que implica em violência das normas.

Do acompanhamento cotidiano de reclusas e reclusos e das oficinas realizadas, depreende-se que as participações dessas mulheres e desses homens são dispositivos de afirmação, autoconhecimento e reafirmação da possibilidade de construir novos laços sociais e afetivos. Faz-se presente, também, nos discursos de mulheres e homens, de

modo idealizado, a paixão amorosa que proporciona sentimentos de reparação frente ao vazio e à divisão psíquica, não desejados, porém reais.

Referências

ALLOUCH, Jean. **O amor lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro**. Relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 1981. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/lenamuniz/barthes-roland-fragmentos-de-um-discurso-amoroso>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 1. Fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980a.

_____. **O segundo sexo**. 2 A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980b.

BOGDAN, Roberto C.; BIRKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora. 1994.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 20(2), p. 133-184, jul./dez. 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

_____. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. **Theatre Journal**, 40(4). p. 519-531. dez. 1988.

- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- DENZIN, Norma K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens**. 2ª ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. **Mulher e pedagogia: Um vínculo ressignificado**. Salvador: Helvécia. 2005.
- FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Sexualidade e gênero: Uma abordagem conceitual. In: FAGUNDES, Tereza Cristina P. C.; BARBOSA, Maria Paquetalet M. **Oficinas sobre Sexualidade e Gênero** Salvador: Helvécia. 2007. p. 151-158.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988a.
- _____. **História da Sexualidade**. II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1988b.
- _____. **História da Sexualidade**. III: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1988c.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **A Ordem do Discurso**. 13 ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Obras Completas, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago; Standard Brasileira, 1905.
- _____. **Sobre as teorias sexuais das crianças**. Obras Completas, Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago; Standard Brasileira, 1907.
- _____. **O mal-estar na civilização**. Obras Completas, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago; Standard Brasileira, 1930.
- _____. **Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico**. Obras Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, Standard Brasileira, 1916.
- _____. **Psicologia do grupo e a análise do ego**. Obras Completas. Vol. XV. Rio de Janeiro: Imago; Standard Brasileira, 1921.
- _____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____.
- _____. **O ego e o Id e outros trabalhos**. Obras Completas, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago; Standard Brasileira, 1925. p. 303-320.
- _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Obras Completas, Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago; Standard Brasileira, 1933.
- _____. **Obras Completas**. Madri: Biblioteca Nova, 1973.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro-cinco: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.
- _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.
- NASIO, Juan-David. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: Por uma cultura filógena**. São Paulo em Perspectiva, 2001, v.15, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300009&lng=in&nrm=iso&tlng=in>. Acesso em: 12 jul. 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

TORRES, Cláudia Regina de Oliveira Vaz. **Desconstruindo a identidade de “criminoso/a”**: O significado das ações educativas no sistema penitenciário. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2004.

_____. **Por um céu inteiro**: Crianças, educação e sistema prisional. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2010.

TIEFER, Leonore. Uma perspectiva feminista sobre sexologia e sexualidade. In: GERGEN, Mary McCanney (ed). **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/EDUNB, 1993. p. 37-47.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.